

Anísio Teixeira

traços biográficos e uma entrevista com Isolda Holmer Paes¹

Rosimar Siqueira Squinsani*

Traços biográficos de Anísio Teixeira

O ano 2000 marca o centenário de nascimento de alguns ilustres educadores brasileiros, entre eles Gilberto Freire e Gustavo Capanema, mas um em especial marca e comove: Anísio Teixeira. Marca pelo conjunto de sua obra; comove pelo lugar que lhe foi legado (ou negado?) durante anos na história da educação brasileira.

Anísio Spinola Teixeira, filho de fazendeiros abastados, nasceu em Caetité, Bahia, em 12 de julho de 1900, e morreu em 11 de março de 1971, no Rio de Janeiro. Considerado um dos mais importantes educadores brasileiros, iniciou seus estudos no colégio jesuíta de Caetité e comple-

tou o curso secundário em Salvador, igualmente em colégio jesuíta; em seguida, iniciou o curso de Direito que concluiu no Rio de Janeiro em 1922.

Com apenas 24 anos, foi nomeado pelo governador Góis Calmon inspetor-geral do Ensino na Bahia. Viajou à Europa em 1925 e aos Estados Unidos em 1927, para conhecer novos sistemas de ensino com o intuito de aperfeiçoar os serviços de educação na Bahia. Em 1928, seguiu para um curso de pós-graduação no Teachers College da Columbia University, New York, onde recebeu, em 1929, o título de Master of Arts. Foi nesse período que conheceu o influen-

¹ O presente texto é composto de duas partes: a primeira parte traz elementos da biografia de Anísio Teixeira e a segunda contém uma reflexão sobre fontes orais e uma entrevista com a professora Isolda Holmer Paes. É parte da dissertação de mestrado *O público e o privado em educação: o caso Anísio Teixeira e a Igreja Católica*, defendida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação UPF em 2000.

* Rosimar Serena Siqueira Squinsani, mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo - esquinsani@via-rs.net.

te filósofo e educador John Dewey, cujas idéias passou a difundir no Brasil.

Ao concluir sua gestão na Bahia, em 1929, Anísio transferiu-se para o Rio de Janeiro, na época Distrito Federal, onde, a convite do então prefeito Pedro Ernesto, substituiu o educador paulista e amigo pessoal Fernando Azevedo à frente da educação. De 1931 a 1935, fez uma gestão que o projetou nacionalmente.

Em 1932, assinou o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, junto com outros educadores, entre eles, Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Mário Casasanta, Cecília Meirelles e Paschoal Leme. A idéia central do manifesto era uma “nova educação para uma civilização urbana e industrial”.

A partir de 1935 e, mais intensamente, após a instalação do Estado Novo, em 1937, afastou-se da educação, ocupando-se com traduções de livros editados pela Companhia Editora Nacional. Posteriormente, tornou-se comerciante e exportador de minérios na Bahia, atividade que desenvolveu até 1946, quando foi convidado por Julian Huxley para ser conselheiro na área da Educação junto à Unesco (em fase de organização). Anísio seguiu para a Europa e retornou em 1947 para assumir a Secretaria de Educação e Saúde do recém-eleito governo da Bahia, Otávio Mangabeira. Realizou uma gestão memorável como secretário, na qual se destaca a construção do Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro (1950), a Escola Parque, em Salvador, onde testou e introduziu novas concepções de educação. Nesse mesmo ano, Anísio foi chamado pelo ministro da Educação, Simões Filho, para organizar a - Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal do

Ensino Superior - Capes - e, a partir de 1952, acumulou também a direção do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - Inep.

Anísio foi um dos idealizadores da Universidade de Brasília (UnB), fundada em 1961, juntamente com Darcy Ribeiro. Em 1963, tornou-se reitor da UnB, mas com o golpe militar de 1964 afastou-se da Capes e da Reitoria da Universidade de Brasília. Viajou, então, para os Estados Unidos, a convite de universidades americanas, e também para o Chile, onde participou do processo de reestruturação da universidade chilena, a convite do governo. Voltou ao Brasil em 1965 e, em 1966, tornou-se consultor da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em março de 1971, pouco antes da eleição para a Academia Brasileira de Letras, foi encontrado morto no fundo do poço de um elevador, num edifício da avenida Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Anísio Teixeira escreveu muito; construiu diversas escolas e bibliotecas; modernizou a educação brasileira em todos os sentidos e contribuiu diretamente para a construção da Universidade do Distrito Federal (1935) e da Universidade de Brasília (1961), dois marcos da renovação da universidade brasileira. Dentre suas obras destacam-se: *Aspectos americanos da educação* (1928); *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação* (1934); *Educação para a democracia* (1936); em colaboração com Maurício Rocha Silva, *Diálogo sobre a lógica do conhecimento* (1968); *Educação é um direito* (1968); *Educação não é privilégio* (1968); *Educação para o mundo moderno* (1969) e *Ensino superior no Brasil* (1989, obra póstuma).

Ao longo da sua vida sofreu um intenso bombardeio *ideológico* dos privatistas da educação sob a liderança de setores da Igreja Católica. Pisando um terreno árido, utilizava adjetivos e argumentos para discutir a LDB, lei 4 024/61, especialmente quando se tratava da escola pública e da escola privada, porém suas idéias foram deturpadas e censuradas. Quando parecia que o conservadorismo de seus opositores estava sendo derrotado, eis que o golpe militar de 1964 o afastou novamente das atividades no campo da educação. Passou, então, a ser valorizado como intelectual em outros países.

O ataque mais radical às suas idéias ocorreu nas décadas de 1970 e 1980. Logo após a sua morte, surgiram novas correntes de pensamento, mas nem a *direita* e, menos ainda, a *esquerda* o queriam em suas fileiras por ser um liberal vinculado ao pensamento americano de John Dewey. Naquele contexto, ler Anísio Teixeira significava um retrocesso; defender o pensamento anísiano² era “nadar contra a corrente”. Criou-se, então, uma *tradição esquecida*³. A partir da segunda metade da década de 1980, com a fundação do Instituto Anísio Teixeira, e mais intensamente na década de 1990, com a reedição de vários dos seus livros e com a proximidade do centenário de seu nascimento, Anísio parece ter reocupado seu lugar entre os grandes educadores do Brasil.

Entrevista sobre Anísio Teixeira

A entrevista que segue constituiu-se numa das fontes de pesquisa para a elaboração da dissertação de mestrado intitulada

da *O público e o privado em educação: o caso Anísio Teixeira e a Igreja Católica no Rio Grande do Sul* e foi concedida pela professora Isolda Holmer Paes em 24 de janeiro de 2000.

Antes de mais nada, é preciso *contextualizar* a entrevista, historiando um pouco o denominado “caso Anísio Teixeira”, visto que esse episódio é o ponto norteador da entrevista. e foi objeto de discussão em jornais e revistas de maior circulação no país durante os últimos anos da década de 1950. Contudo, os fatos que desencadearam o episódio datam de um período anterior e configuraram o que a imprensa chamou de “caso”.

Desde longa data, discutiam-se no país o papel do Estado na educação e o *espaço* das escolas de iniciativa privada nesse campo. Quando a Constituição de 1946 previu a elaboração de um documento estabelecendo as diretrizes da educação nacional, o clima entre os defensores da escola pública e os contrários à intervenção do Estado, especialmente setores ligados à Igreja Católica, já era muito tenso.⁴

Em 1948, o Ministério da Educação e Cultura apresentou uma proposta de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O anteprojeto, elaborado por Clemente Mariani, acirrou as discussões e possibilitou a explicitação das diferentes posições em disputa: escola pública e privada.

A intervenção de Anísio Teixeira no debate provocou uma reação veemente da Igreja, que passou a combatê-lo, especialmente após a apresentação da conferência intitulada “A escola pública, universal e gratuita”, no I Congresso Estadual de Educação de Educação Primária, ocorrido em Ribeirão Preto de 16 a 23 de setembro de

1956.⁵ Na conferência, Anísio defendeu a escola pública, considerando-a a única verdadeiramente democrática, completando que somente os que quisessem é que poderiam procurar a educação privada (Rocha, 1989, p. 49).

A reação católica mais intensa ocorreu em novembro do mesmo ano, quando o deputado padre Fonseca da Silva pronunciou um discurso no plenário da Câmara Federal, alertando o ministro da Educação contra a influência de Anísio Teixeira e insinuando que ele estaria vinculado ao comunismo, além de se posicionar contra os interesses das escolas confessionais. Seguiram-se a isso uma resposta do ministro, favorável ao educador baiano, e um novo discurso, pronunciado em 14 de dezembro de 1956 pelo deputado Fonseca da Silva, enfatizando que “o Prof. Anísio Teixeira é um autêntico intelectual marxista...” (apud Rocha, 1989, p.49). Num novo pronunciamento, Anísio manifestou-se contrário ao comunismo, mas reiterou sua convicção em relação à responsabilidade do Estado com a educação pública. A polêmica continuou em 1957 com o envolvimento da Associação Brasileira de Educação - ABE, de cujo Conselho Diretor Anísio era diretor.

Em 23 de fevereiro de 1958, o arcebispo de Porto Alegre, dom Vicente Scherer, passou a tomar parte dessa polêmica com um discurso que se tornou um marco na defesa das concepções educacionais da Igreja Católica e um ataque a Anísio Teixeira. Em resposta, Anísio reafirmou o que havia manifestado na conferência de 1956. Em março do mesmo ano, dom Vicente lançou, com seus pares, o *Memorial dos Bispos Gaúchos ao Presidente da República sobre*

a Escola Pública Única, promovendo um novo ataque a Anísio Teixeira.

Para insuflar ainda mais os ânimos dos católicos donos e gestores de escolas privadas, a portaria no 1 509 da Cofap, órgão de controle de preços do governo, definiu que o valor das mensalidades escolares de 1958 deveria ser o mesmo cobrado em 1957. Restava à Igreja Católica e aos demais donos de escolas privadas agir politicamente na esfera do debate ideológico, sobretudo contra Anísio Teixeira, que, além de suas manifestações desfavoráveis às escolas particulares, representava o governo, enquanto diretor do Inep.⁶

Tal debate, contudo, culminou com o Substitutivo Lacerda,⁷ apresentado à Comissão de Educação e Cultura da Câmara Federal em 26 de novembro de 1958. Nele foram contemplados os interesses dos gestores de escolas privadas, sendo um ordenamento, para não dizer “transcrições literais”, das conclusões do III Congresso Nacional do Estabelecimentos Particulares de Ensino, realizado em 1948, dez meses antes da apresentação do anteprojeto Clemente Mariani, “pontapé” inicial da LDB (Neto, 1988, p.354).

Em meio a esses embates, dom Vicente Scherer acabou assumindo o papel de porta-voz das escolas confessionais no estado, sendo um dos mais ferrenhos críticos das idéias de Anísio Teixeira, juntamente com o então frei Paulo Evaristo Arns e dom Helder Câmara. Scherer expressava-se abertamente na defesa das posições da Igreja como guardião da “liberdade de ensino” e da escola privada, lançando contra Anísio Teixeira uma série de acusações como a de estar “ameaçando o direito da família escolher a educação dos filhos” e de

abraçar posições marxistas (comunistas), contrárias à fé e à Igreja Católica.

A pesquisa desenvolvida para a elaboração da dissertação de mestrado sobre o “caso” procurou explicitar as posições ideológicas envolvidas no debate, posições essas enriquecidas por entrevistas realizadas com pessoas que acompanharam e pesquisaram o episódio. As fontes orais deram mais vida à pesquisa e aos documentos escritos utilizados.

As pesquisas em fontes orais estão ganhando mais espaço nos últimos anos, constituindo-se numa opção metodológica que contribui para o desvelamento de discursos construídos acerca de fatos. Através da reconstrução de acontecimentos, via memória dos sujeitos envolvidos, seja essa individual (através da apreensão própria, pessoal, subjetiva), seja social (como construção/representação da classe ou grupo à qual esse indivíduo está vinculado), coloca-se em questão a hegemonia da escrita visto que, “... até o século XVIII, quando a escrita se superpôs à oralidade, as fontes orais eram instrumentos pertinentes à compreensão das sociedades e à reconstrução do passado” (Nadai, 1994, p.14)

A escolha dos entrevistados para a pesquisa levou em conta o critério de serem pessoas que viveram e tomaram parte direta ou indiretamente dos debates sobre o “caso” Anísio. Uma das escolhidas foi a professora Isolda Holmer Paes, que, em 1958, atuava junto ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e conheceu pessoalmente dom Vicente Scherer.

A riqueza da entrevista revela-se tanto no texto quanto no subtexto, ou nas entrelinhas, manifesta em olhares, em mudanças repentinas de assunto, em longas pau-

sas para “procurar” as palavras certas, que salvaguardassem a memória dos mortos e não comprometessem os que ainda estão vivos. Essas percepções, infelizmente, não se pode passar para a frieza do papel impresso, mas acompanharam o trabalho de desvelamento do objeto e da construção da pesquisa.

Houve, contudo, um cuidado em tratar as fontes orais como *monumentos* dotados de sentido e de subjetividade, às quais não se pode recorrer sem as devidas precauções. Ao pesquisador cabe contextualizar a fonte oral para situar as condições mediante as quais a memória produz suas interpretações sobre uma dada realidade. As fontes orais não são inocentes ou neutras; as memórias e as representações são produzidas, consciente ou inconscientemente, por uma dada sociedade para representá-la, quer para impor uma imagem determinada do passado ao qual remete, quer para dizer uma determinada “verdade” sob a ótica de quem as elaborou. É necessário perceber sempre a parcialidade e a intencionalidade do relato e da memória.

Essas observações reiteram o trabalho com as fontes orais, já que essas reconstroem trajetórias, eventos, tensões e percepções individuais, não havendo, dessa forma, o privilégio apenas da estrutura enquanto determinante, mas a qualificação da ação do sujeito individual como sujeito social, contemplando a possibilidade de sistematização dessa ação. Essa sistematização se dá num processo dialógico, no qual há a interação da subjetividade do pesquisador com a do entrevistado, superando a relação sujeito/objeto, que passa a ser uma relação sujeito/sujeito, permitindo que entrem em cena a subjetividade, as emoções, o cotidiano, o tempo presente e suas interpretações do passado.

Percebe-se também que muitas das lembranças evocadas pela memória não são originais, mas inspiradas em conversas com outros, os quais, no decorrer do tempo, passam a ter uma “história” dentro do indivíduo que as evoca. Porém, são memórias que sugerem a seguinte indagação: é possível recordar um preceito, um conceito ou uma “história” sem ter pertencido ao grupo que sustenta essa memória? Segundo Ecléa Bosi, ainda que a memória seja formulada no grupo, é o indivíduo que a recorda com a sua subjetividade. O indivíduo é o memorizador do passado (ainda que coletivo), com capacidade de recolher de sua memória objetos comuns que lhe sejam significativos (Bosi, 1994).

Os acontecimentos chegam até o indivíduo filtrados pelo grupo e pela interpretação própria daquele grupo, enquanto mediador de símbolos que ficam no indivíduo, como a escola, por exemplo. A recriação do passado ou de símbolos de um dado grupo, sob uma dada circunstância, é feita, entre outras formas, através de fontes orais, que são testemunhas vivas da história que não está nos livros, aceitando-se por válido o fato de que são os caminhos, as possibilidades e as experiências da investigação que enriquecem uma pesquisa.

Rosimar: Quais foram as suas percepções sobre o debate entre d. Vicente Scherer e Anísio Teixeira, envolvendo a escola pública e a escola privada nos últimos anos da década de 1950?

Isolda Paes: Esta atitude do Dr. Anísio, de rebelar-se contra o auxílio governamental às escolas católicas, eu acho que foi uma decorrência... Eu acho, não tenho certeza absoluta... Uma decorrên-

cia do pensamento dele, que ele propugnava pelo desenvolvimento das escolas públicas, escolas que tivessem uma outra formação, outro encaminhamento de educação mais amplo, que não estivesse tão ligado somente à parte religiosa, porque as escolas religiosas sempre davam muita atenção à parte religiosa e ele não valorizava isso, tanto que fundou aquela escola na Bahia, eu acho que foi mais como um modelo, como um exemplo da laicidade. Foi uma escola linda aquela. E acho também que aquela escola... acho, viu, isto também não é certo determinou uma série de outras providências do Ministério de Educação, como, por exemplo, as classes experimentais... (Dirigindo-se à entrevistadora) Tu sabes alguma coisa das classes experimentais? Olha, o Colégio de Aplicação inaugurou-se em 14 de abril de 1954. Quatro anos depois, apareceram as escolas experimentais criadas pelo Ministério de Educação. Estas escolas visavam reformular o ensino secundário, visando sobretudo uma aprendizagem muito mais real, mais relacionada com a vida, que não fosse livresca, que a criança entrasse em contato com as realidades como aquela da Bahia, que aprendesse a viver vivendo, assim... Estas classes experimentais eu tive muito contato, porque eu fui designada pelo Ministério da Educação para acompanhar as escolas experimentais de Porto Alegre, era uma do Instituto de Educação e outra do Colégio Americano. Eu ia sempre lá, muitas vezes e semanalmente mandava um relatório. No primeiro ano foi assim, depois foi... E das escolas experimentais surgiram

muitas modificações que foi a lei 5 692... (dirigindo-se à entrevistadora) Tu conheces esta lei? Pois é, eu acho que aquilo tudo ainda é produto da escola experimental. Portanto, eu acho que tu poderias explorar bem esta questão, do pós-incidente com d. Vicente Scherer e Anísio Teixeira, e esse pensamento das escolas experimentais, por que elas teriam surgido. Sempre eu achei lindo, eu achei, nunca verifiquei, pois a minha especialidade era outra. Mas eu achava que as escolas experimentais foram uma decorrência de uma atitude diferente em relação à educação, e esta atitude surgiu de todo este plano, esta discussão, que despertou a atenção para (a educação)... Era isso...

Rosimar: A senhora conheceu pessoalmente dom Vicente Scherer?

Isolda Paes: Muitíssimo... e o Anísio também...

Rosimar: E como eles eram como pessoas?

Isolda Paes: O d. Vicente era maravilhoso. Era um ser de uma humanidade absoluta. Era um humanista. Era um ser humanista no sentido de sua cultura humanística, não só religiosa, como sua cultura de um modo geral. Mas era uma pessoa simples, simples, nasceu no interior e se criou sem nenhuma veleidade da sociedade, nem nada. Ele se fez um sacerdote e cultivou a vida de sacerdote, vida de humildade. Uma pessoa muito, muito querida. Ele foi colega de meu marido na universidade, trabalhou muito com meu marido pelo reconhecimento da Pontifícia Universidade Católica, trabalhou muito o meu marido

junto com ele. Até hoje eu fui até a PUC levar um material sobre meu marido, que eles vão fazer um estudo dos fundadores, meu marido junto com mais dois professores e o irmão Afonso, chamado "irmão Afonso" que praticamente foram os fundadores, que criaram a primeira entidade e dali surgiu outra e outra... até surgir a universidade. E d. Vicente sempre teve muito prestígio na sociedade, ele era respeitado. Quem não era católico fazia troça da humildade dele, daquela maneira meio "coloninho", falava como coloninho, uma vozinha de colono, fazia *A Voz do Pastor* no rádio. Então, quem não era católico dizia: "Ah, d. Vicente é um bobalhão". Mas não, d. Vicente foi uma alma muito bonita, muito perfeita, muito iluminada...

Rosimar: E o Anísio?

Isolda Paes: O Anísio Teixeira foi um homem de grande cultura, um brasileiro, ele era um brasileiro na legítima extensão da palavra, no sentido de que queria o bem para o Brasil, se ocupava da educação, se preocupava com a educação e acompanhava a educação. Agora, naturalmente ele tinha uma tendência. A sua visão de educação era diferente de uma visão de educação católica, aí é que está...

Rosimar: A senhora podia falar mais sobre esta visão de educação que Anísio Teixeira tinha?

Isolda Paes: Sim, porque... por exemplo, uma visão de educação católica qual era? Que a criança pratica a religião, missas... e isso ele não valorizava. Va-

lorizava a cultura geral da criança, o conhecimento, a ciência. E isso era diferente. Mas ele era uma pessoa, uma personalidade maravilhosa. Um brasileiro de verdade, no sentido de amar a pátria e querer o bem do Brasil. Agora eu sei, por exemplo, que o Colégio de Aplicação foi um colégio que foi uma espécie, assim, de clã no meio educacional, no sentido de que foi pensado. Eu fui uma das fundadoras, com dona Graciema Pacheco, que foi a alma dele, uma pessoa que foi minha colega, professora. A gente trabalhava junto com ela na didática, ela era uma pessoa muito simples, muito tímida, mas tinha um grande conhecimento de filosofia de educação e o reitor Elyseu Paglioli nos encarregou de planejar o Colégio de Aplicação. E nós o fizemos. E todo este colégio surgiu, um bocado eu diria, na perspectiva de Anísio Teixeira, nesse sentido, que nós não vamos ensinar religião. As crianças aprendiam a ser respeitosos pelas religiões, qualquer religião, se cultivava a liberdade nas crianças de dizer o que pensavam. Não era de levar pra missa, pra cá e pra lá, não. Era o respeito à religião, qualquer religião, e de conhecimento da religião. Nós visitávamos todas as igrejas com eles pra ver os estilos, estilo rococó, isto e aquilo, a história das igrejas, a parte cultural, mas nunca como religião. Era um colégio que se destacou muito no meio educacional, por muitas inovações que foram introduzidas no ensino, no ensino da história, da geografia, no ensino da língua... Ele ficou célebre este colégio... Uma vez o Anísio Teixeira ficou conhecendo o nosso colégio, e ele

teve uma admiração muito grande pelo colégio... E veio uma velhinha aqui, uma americana, que pertencia a um comitê de educação nos Estados Unidos... E ela ficou apaixonada por Porto Alegre, esta velhinha. E ela voltou para o Rio encontrou-se com dr. Anísio, e disse a ele: "dr. Anísio fiquei tão encantada com aquela cidade que eu quero oferecer uma bolsa de estudos para um estudante de Porto Alegre e queria que o senhor me dissesse de que escola, qual é uma boa escola para eu escolher". E ele disse: "A melhor escola que tem no Brasil agora é o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, eu acho que lá a senhora deveria escolher". E ela escolheu, ofereceu a bolsa, foi um aluno e isto foi no ano de 1960. Até hoje mantemos esta bolsa, cada ano vai um bolsista. Estou te contando isto, este episódio, para mostrar qual era a escola que o dr. Anísio gostava. A nossa escola era assim: à criança nunca se ensinava uma coisa assim, taxativa: "Pedro Álvares descobriu o Brasil no dia 22". Não, vamos ver se foi Pedro Álvares que descobriu o Brasil e quando foi. Sempre eram postas em termos de perguntas, de indagação, que a criança fosse ela mesma buscar a resposta, buscar a verdade. A criança entrava em contato com os mais diversificados materiais de história, de geografia, de línguas... Era um colégio diferente mesmo, muito, muito diferente. Hoje ele é um grande colégio, mas teve uma fase que perdeu bastante, não sei, estas coisas que acontecem... Agora está lá no campus da universidade e é um colégio muito bom, muito procurado. Hi! É uma

dificuldade alguém entrar lá, não tem vaga... Mas o dr. Anísio achou o nosso colégio maravilhoso. Ele não tinha nada contra a religião, não era isso. Ele queria um colégio que tivesse umas bases científicas e que a aprendizagem fosse feita não livrescamente, fosse mais em contato com a realidade, a discussão da criança em busca da verdade, à procura do elemento para justificar os seus estudos. Naquela ocasião, as escolas religiosas tinham muito assim do livro, do livro-texto, as perguntas... aquela coleção do FTD (dirigindo-se à entrevistadora), não sei se você conheceu. Pois é, o FTD “Quem descobriu o Brasil?”, “Em que ano?” Aquilo é que ele não gostava, não era que ele fosse contra a religião, mas ele falava nas escolas particulares e naquela ocasião o que havia mesmo mais eram escolas religiosas, Eu acho que aí é que foi a coisa...

Rosimar: E como eram as escolas “particulares” daquela época sobre as quais Anísio Teixeira falava?

Isolda Paes: Hoje elas estão muito, muito evoluídas. Mas naquela ocasião eu acho que ainda eram um pouco livrescas, usavam ainda os livros do FTD, parece que ainda eram umas escolas mais... um pouco rígidas. Então, o aluno recebia “liçõezinhas”, passava no caderno. Nossa escola era livre. “Olha, nós vamos conhecer todo o fenômeno das Missões Jesuíticas, vamos às Missões.” Para lá nós íamos estudar *in loco* tudo que era dos índios, das Missões, o estilo da São Miguel... O barroco na história... Vamos até a igreja da Conceição estudar o barroco. A criança estudava, desenhava, era um estudo

assim completamente voltado para a busca da realidade que comprovava a coisa.

Rosimar: Retomando a questão do debate entre d. Vicente e Anísio Teixeira, se ambos eram pessoas maravilhosas como a senhora me disse, o que teria levado os ânimos a se exasperarem e um atacar o outro publicamente em 1958?

Isolda Paes: Eu não posso te responder assim com muita certeza porque, na verdade, eu fiquei assim meio na periferia daquele incidente. Eu tinha tanta responsabilidade naquela ocasião, tanta: eu coordenava todos os alunos, os estagiários, eu acompanhava as classes experimentais... eu não sei bem. Mas eu acho que d. Vicente foi, assim, fervoroso, porque, na verdade, estava defendendo mais o ensino religioso talvez, a formação religiosa da criança através da escola. E ele, como era naturalmente o líder católico, líder máximo, e as escolas católicas sendo mais ou menos visadas, atingidas direta ou indiretamente, ele se sentiu no dever de defender, isto é uma coisa natural.

Rosimar: A senhora é católica, dona Isolda?

Isolda Paes: Sim.

Rosimar: E a senhora assistia às missas oficiadas por d. Vicente naquela época?

Isolda Paes: Eu acho que não. Eu não freqüento igreja há muitos anos. Não pratico, não sou praticante. Sou muito religiosa, mas não sou praticante. Comecei a deixar de ser praticante porque eu tinha tanto trabalho, tanto, tanto...

Aos domingos eu tinha que colocar todas as pesquisas que eu realizava na universidade em dia, eu ia para missa e perdia toda a manhã na missa. Ai meu Deus! Eu tinha ficado até as três da madrugada acordada, não podia me levantar: “Hoje eu não posso ir à missa, não posso, não posso, tenho três pesquisas para organizar...” Assim eu não fui... não fui e no fim me acostumei com o pecado, com o pecado de não ir na missa. Eu não sei, depois comecei a me interessar mais pela cultura das religiões do que pela própria religião. Sou muito religiosa, hi! Sou devota de São Miguel, acendo vela e tudo. Sou muito religiosa, mas não freqüento a igreja.

Rosimar: No ano de 1958, a senhora estava vinculada ao Colégio de Aplicação da Ufrgs?

Isolda Paes: Ele foi fundado em abril de 1954. Em 1958 eu estava lá, pelo quarto ano, até 1972. Em 72 eu continuava um pouco, mas o reitor pediu muito para eu assumir uma função lá junto à Reitoria, e aí fica muito difícil, eu só dava as aulas no Colégio de Aplicação. No Colégio de Aplicação se dava as aulas de todas as matérias, porque tinha os alunos estagiários. Eles iam aprender a ser professor de português dando aulas no colégio; de história, de geografia dando aulas no colégio. E nós, os professores de didática, acompanhávamos aquele trabalho. É por isso que eu continuava no colégio, mas era co-direção, eu e dona Graciema, tanto eu como ela exercíamos a direção. Mas daí eu vivia indo lá no colégio, duas três vezes por semana: “Como é que está? Tudo bem?”,

mas voltava para a Reitoria. E quando eu me aposentei eu praticamente estava deixando já o colégio, estava mais só na Reitoria.

Rosimar: A senhora se recorda de alguma denominação que d. Vicente aplicava a Anísio?

Isolda Paes: Não, não me lembro. Por quê? Teria alguma? Não, d. Vicente, pelo que eu sei dele, era uma pessoa que protestava, mas sempre em termos muito altos, muito educado. Ele era uma pessoa tão bonita por dentro, como ser humano, e o dr. Anísio também. O dr. Anísio era um educador bem brasileiro. E a coisa se encaminhou mais por esta divergência do Anísio não ser um religioso. Decerto, não achava interessante o tipo de educação que era dado nas escolas religiosas... Não teria outro motivo, pois, em termos de caráter, de sinceridade, os dois eram pessoas maravilhosas. Naturalmente, o d. Vicente tinha aquela humildade de sacerdote...

Rosimar: Dona Isolda, a senhora poderia me contar um pouco de sua formação, de sua atividade ligada à educação?

Isolda Paes: Bom, eu fiz o curso de Letras Neolatinas e, quando eu estava terminando o curso de Didática, eu fui convidada pela professora Graciema Pacheco, que naquela ocasião já era um expoente da educação, para ser assistente dela. Eu nem pensava em lecionar, porque eu tinha tirado o curso mais para cultura minha, não tinha idéia de lecionar. Fiquei assim, meio-indecisa, mas depois... bom... eu gostava bastan-

te da educação e aceitei e comecei então. Ao terminar... quando eu terminei a didática em dezembro, já em janeiro comecei a trabalhar na universidade, como assistente de dona Graciema. E a partir daí, eu fiquei como professora de Didática Especial do Português, mas eu tinha um compromisso de ensino no próprio curso de Letras: eu lecionava Literatura Portuguesa no curso de Letras. Então lecionava literatura portuguesa e trabalhava com a Didática da Língua Portuguesa. E fui indo. Enquanto eu estava trabalhando na cadeira de Didática, o professor Paglioli nos pediu... antes disso, eu comecei já muito interessada pela formação de professores, porque nós formávamos professores secundários na Faculdade de Filosofia (dirigindo-se à entrevistadora), você sabe. Faziam todo o curso de Letras, Matemática, Latim, História, Geografia...e depois faziam a experiência de ensino junto ao professor de Didática. Eles davam aula, nós assistíamos, planejávamos. E eu comecei a me interessar, achei linda esta parte de formação do professor e pedi para deixar o curso de Letras e vim para a Faculdade de Educação. E daí, deste instante em diante, eu me dediquei extraordinariamente a toda a pesquisa na área da educação e fiz muitos cursos de especialização, principalmente em lingüística, porque é o fundamento do ensino do português. Fui à França e estagiei no Centre de Recherche Pédagogique de Sevrès durante um mês e me dediquei exclusivamente às pesquisas de educação e de ensino da língua portuguesa. Planejei junto com dona Graciema

Pacheco o Colégio de Aplicação, fui sempre co-direção com ela, exerci muitas funções assim na educação, em quantidade. E como o Colégio de Aplicação foi um colégio muito bem-sucedido, eu fui uma pessoa que sempre estava dando cursos, fazendo conferências, fiz diversos cursos, inclusive em planejamento da educação...

Rosimar: Eu gostaria que a senhora falasse um pouco sobre como era visto o comunismo na década de 1950?

Isolda Paes: Eu diria que não havia um comunismo na educação, ninguém tinha este medo. Acho que algumas pessoas falariam sobre as escolas muito extremadas... mas não havia este medo de comunismo, acho que não. Havia algumas escolas que tinham esta tendência... O Colégio de Aplicação não tinha tendência para o comunismo, tinha tendência pra um outro tipo de ensino, que era este tipo de ensino baseado muito no texto diversificado, que a criança deveria conhecer o “a favor” e o “contra” para chegar a uma conclusão por ela; não lhe era dado nada pronto, de mão beijada e preparado. E quando chegasse o momento, era bem possível que numa pesquisa de história, aparecesse um texto que tivesse alguma idéia comunista, e a criança enfrentava. Ela discutia na classe se isso era bom ou era ruim, isso podia haver. Mas nunca como uma tendência subversiva de querer impor à criança o comunismo. Acho que educação visando ao comunismo... eu não sei se haveria... Não, não... Havia métodos de ensino que eram mais aber-

tos e chegavam, às vezes, a uma coisa assim...(...)

Rosimar: E fora da educação, na sociedade em geral, como era visto o comunismo? Era um assunto recorrente?

Isolda Paes: Eu não me lembro bem da fase da Revolução de Cuba, mas na época foi um pavor. Fidel Castro mandava fuzilar os padres, uma perseguição muito grande, os coitados fugiam vestidos de mulher, os que podiam fugir... mas eu me lembro que aí foi... havia uma reação natural por aquele fuzilamento de sacerdotes... Aí o comunismo foi visto como uma coisa atroz... E também depois a Rússia mandando aqueles presos para a Sibéria, aquele horror todo, ninguém aceitava aquilo. Eu acho que quem não era comunista por princípio não aceitava, se refugava o comunismo. Depois os mais liberais foram aos poucos percebendo que no comunismo havia algumas coisas valiosas que se poderia aceitar... mas isso foi muito depois, com muita dificuldade... O Brasil nunca foi um país de formação comunista.

Rosimar: Algumas pessoas denominavam Anísio Teixeira de “comunista”. Na sua visão, ele tinha alguma tendência comunista?

Isolda Paes: Diziam, mas eram pessoas que não tinham bastante conhecimento do que era o comunismo. E tinham uma ojeriza, não gostavam dele, daí diziam isto. Mas ninguém pode tachar uma pessoa de comunista. A gente tem que saber como é, o que é que a pessoa pensa. O dr. Anísio não era um comu-

nista, não. Eu acho que ele não gostava, acho eu, do ensino de escolas mais tradicionais, mais aperreadas com a “coisa”. Então dava a idéia de ser um comunista... mas eu acho que não era este o caso. Hoje se vê que ele foi um grande educador. (Dirigindo-se à entrevistadora) Agora tu que podes estudar bem a personalidade dele, tu poderias ver se de fato ele teve uma tendência mais pronunciada... Tu tens bons textos para estudá-lo?

Rosimar: Eu estou lendo os livros que Anísio Teixeira escreveu.

Isolda Paes: E o que tu achaste?

Rosimar: Acho que ele foi um educador com idéias progressistas...

Isolda Paes: Pois foi. Idéias bonitas as idéias dele, muito humanas, inteligentes, modernas. Ele foi um homem que lançou uma modernidade no ensino.

Rosimar: Há mais algum fato que a senhora julgue relevante para mencionar sobre o assunto?

Isolda Paes: Houve um movimento na universidade (Ufrgs). Levaram um documento pedindo que as pessoas assinassem em solidariedade ao Anísio Teixeira. E esse documento não foi muito bem aceito. Alguns assinaram. Mas talvez a pessoa que encaminhou isso ficou meio-decepcionada porque muitas pessoas diziam “Olha, aprecio muito o dr. Anísio mas não quero assinar, porque eu sou católica”. Foi uma coisa assim... davam esta resposta. E este documento, eu nunca soube se ele foi enviado, porque o número de assinaturas

não era expressivo... Era uma professora da Ufrgs. No elevador, eu vi que trouxeram para uma pessoa assinar e ela disse: "Não, eu não vou assinar, eu não conheço bem este caso... eu sou católica, tá muito complicado, eu não quero assinar". Portanto, você vê aí que ele não teve assim... se fizermos isto aqui uma microexperiência, não foi assim tão grande a repercussão do lado dele (Anísio Teixeira), porque a nossa comunidade é muito católica, né.

Notas

- ² O termo *pensamento anisiano* refere-se aos conceitos, entendimentos, produção intelectual e princípios teóricos do educador baiano Anísio Teixeira. O termo é utilizado por Ana Lagôa na entrevista "A utopia da educação pública" para o *Jornal do Brasil* on-line. Rio de Janeiro, 18 jul. 1999.
- ³ Este é um termo utilizado por Ana Waleska Mendonça e Zaira Brandão na obra: *Uma tradição esquecida: por que não lemos Anísio Teixeira?*
- ⁴ Um detalhamento do assunto encontra-se na obra de BUFFA, Esther. *Ideologias em conflito: escola pública e escola privada*. São Paulo: Cortez, 1979.
- ⁵ A citada conferência, aliada a outra proferida em 1953 na Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas, deu origem ao livro *Educação não é privilégio*, cuja primeira edição data de março 1957 e foi lançada pela Editora José Olympio.
- ⁶ O Inep - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - foi criado pela lei nº. 378, de 13 de janeiro de 1937, e sua principal função era a pesquisa para orientar a formulação de políticas públicas. Sob a direção do educador Anísio Teixeira, já na década de 1950, o Inep viveu uma fase de grande expansão e fortalecimento, constituindo-se num importante laboratório de políticas educacionais. Atualmente, o Inep denomina-se Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
- ⁷ Assim que o substitutivo Lacerda foi apresentado,

Henrique Nielsen Neto afirma que: "...a Igreja, tendo encontrado finalmente um porta-voz, voltou às sacristias. As declarações oficiais vão se tornando mais raras..." (1988, p.353)

Referências bibliográficas

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GHIRALDELLI Jr, Paulo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e manifesto dos educadores mais uma vez convocados. In: GHIRALDELLI Jr. Paulo. *História da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.
- NADAI, Elza. *Por uma história oral da educação no Brasil*. Inep/Série Documental: Eventos, n.2, abr. 1994.
- NIELSEN Neto, Henrique. *Filosofia da educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- ROCHA, João Augusto de Lima. *Igreja versus Anísio Teixeira*. *Cadernos do IAT* n. 2, Salvador: Instituto de Estudos e Pesquisas em Educação Anísio Teixeira - IAT - 1989. (Série Memória da Educação).
- TEIXEIRA, Anísio. A escola pública universal e gratuita. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.26, n.64, pp. 3-27, out./dez. 1956.